

# AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 18  
MARÇO 2014

198

EDITORA  
**CAMI**  
clubedoaudioevideo.com.br

R\$18 €9



ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

## A REFERÊNCIA A SER ALCANÇADA PRÉ-AMPLIFICADOR DAN D'AGOSTINO MOMENTUM



## PRIMEIRO TESTE MUNDIAL NOVA KHARMA EXQUISITE MIDI



**PRÉ CX-A5000 E AMPLIFICADOR  
MX-A5000 YAMAHA AVENTAGE**  
UMA PROPOSTA ESTADO DA ARTE

### E MAIS

#### TESTES DE ÁUDIO

TOCA-DISCOS EAT E-FLAT  
PRÉ DE PHONO ESOTERIC E-03  
CAIXAS ACÚSTICAS  
MONITOR AUDIO SILVER 10

#### OPINIÃO

A BUSCA DO MELHOR  
SOUNDSTAGE - PARTE II



TESTE  
**3**  
AUDIO



# TOCA-DISCOS EAT E-FLAT

XX Christian Pruks  
christian@clubedoaudio.com.br

Outro dia me toquei que, nos últimos quatro ou cinco meses corridos, seja para testes na revista, seja por conta do trabalho no setup de toca-discos, eu praticamente só ouvi analógico. Vamos dizer que se ouvi um ou dois CDs inteiros nesse período foi muito. Em um desses dias, por conta de alguns CDs que havia comprado e não ouvido, dei uma passada rápida neles usando o belo Luxman D-06. Claro que com um digital de bom nível, a audição é boa - mas, em última análise, alguns CDs com sua sonoridade asséptica incomodam, mas outros feitos com maior cuidado vão muito bem. Em um conceito geral, não procurando gravações ou mesmo prensagens especiais, o CD tende a ser estéril, e o LP, estéreo!

Os últimos meses me deram muito prazer em testar equipamentos, conhecendo mais algumas cápsulas - inclusive encampando uma delas: a Ortofon SPU Meister Silver (teste prometido para uma edição futura) - e vários novos toca-discos, braços, cabos e prés de phono. Já falamos bastante sobre a importância de sistemas de referência nos testes de equipamentos - é como ter que avaliar se uma tonalidade de vermelho está perto do vermelho correto: tendo em mãos uma referência homologada de cor fica bem mais fácil - e faz-se um trabalho mais bem feito. Com uma boa experiência com o som in loco dos instrumentos acústicos, facilmente homologamos nossos sistemas, conhecendo seus erros e deficiências, mas também entendendo seus pontos altos e o nível de aproximação da música de verdade. Falo tudo isso porque o teste ideal, na minha opinião, seria colocar lado a lado vários toca-discos, todos no mesmo

estágio de amaciamento, com a mesma cápsula (apropriada) e bem regulados, tocando com o mesmo pré de phono. Portanto, nos últimos meses, tirar um toca-discos e por outro, trocar a cápsula de um para outro e afins, por causa da proximidade de tempo entre a audição de um e outro, fizeram com que as comparações ficassem muito mais frescas na minha cabeça.

O mais recente teste, que está aqui na minha frente rodando agora com a Ortofon SPU Meister Silver, é um exemplo fomentador de controvérsia: o E-Flat da EAT. A EAT, ou European Audio Team, uma empresa sediada em Praga, na República Tcheca, é uma produtora de toca-discos, braços, cápsulas, prés de phono e, especialmente, válvulas, cuja líder é Jozefina Lichtenegger, esposa do CEO Heinz Lichtenegger, da empresa austríaca Pro-Ject, outra conhecida produtora de toca-discos. Jozefina refere-se, porém, aos toca-discos da EAT como mais hi-end que os da Pro-Ject - e, também, além de mais caros, possuem uma preocupação a mais com detalhes técnicos e de projeto. A EAT pode ser considerada bastante ousada, por causa da maior controvérsia do E-Flat, que é justamente seu braço largo e plano. Apesar de terem tentado já, na história do toca-discos, fazerem um braço plano ou quase retangular, como os de madeira da Grado e da Grace, a solução do braço do E-Flat remete mais ao afamado toca-discos 5120 da NAD, da década de 1980, que usava um braço ligeiramente largo e totalmente plano, porém com material inadequado, leve demais, e que não chegou a vingar. O 5120 tinha, porém, soluções muito interessantes, como a 'fiação' ►



do braço ser feita como trilhas de uma placa de circuito impresso, trafegando pela parte de baixo do braço. Enfim, a baixa massa e o mau acoplamento do braço criaram problemas de ressonâncias e setup. O fracasso do NAD 5120 não fez ninguém mais investir nesse tipo e design, porque ninguém quer gastar tempo e dinheiro para resolver, por exemplo, problemas oriundos de um carro que muda conceitos e tem três rodas em vez de quatro. A tendência - que considero até lógica - é a de seguir sem querer inventar moda.

A EAT, entretanto, resolveu seguir por uma releitura do braço plano do NAD 5120, advogando a favor de materiais melhores, massa mais alta, melhor acoplamento devido a muito mais alta massa do pivô e à defesa do design plano, largo e sólido (não oco) como uma vantagem. Quem me conhece sabe que nunca fui fã de braços de fibra de carbono. Aliás, acho que a fibra de carbono deveria permanecer o mais longe possível dos aparelhos de som em geral, mas... isso é a minha opinião somente. De qualquer maneira, a EAT usou a cabeça e, apesar do braço usar fibra de carbono, ele tem sua rigidez e massa aumentadas - e, conseqüentemente, seu tipo de ressonância modificado - pela inserção de uma haste de metal rígido dentro do 'tubo' ou, deveríamos dizer, dentro do 'plano'. O resultado é um som vivo, rápido, definido, com pegada, bons transientes e bastante silencioso - ou seja, algo diferente da maioria dos braços que levam fibra de carbono que eu já tenha ouvido até hoje. Além

disso, durante o manuseio, o braço do E-Flat é o braço unipivô mais estável que já tive o prazer de manejar. Você simplesmente esquece que ele é unipivô.

Claramente o E-Flat é um produto, digamos, pensado. Apesar de seus pés com amortecimento de borracha remeterem aos toca-discos das décadas de 1970 e 1980 - o que não é uma coisa ruim - existem vários detalhes que contribuem para ele ser um bom toca-discos. A fonte de alimentação, por exemplo, começa com um transformador que parece um pífio carregador de telefone celular a ser fincado na tomada. Porém, debaixo da base do aparelho é possível ver - e sentir o calor do dissipador - uma fonte bem parruda trabalhando para manter a estabilidade de rotação dos dois motores. O E-Flat usa dois pequenos motores, um de cada lado do prato, acionando uma só correia, que garante mais estabilidade de rotação, que passa pelos motores e em volta de um subprato de metal pesado amortecido por Sorbothane, um tipo de borracha mais mole e de grande acoplamento que amortece profundamente. Por cima vai o pesado prato principal de metal, também amortecido por Sorbothane, que já vem com um 'tapete' feito de, acredite, vinil. Diz-se por aí, inclusive, que esse tapete do prato foi moldado a partir de LPs velhos derretidos. Por cima disso tudo ainda vai um clamp decentemente pesado que, ainda por cima, parafusa no pino do prato, acoplado muito bem o disco com o mesmo. A base, com ►

acabamento preto piano, é feita de MDF suficientemente espesso, acoplada e amortecida por aplicações estudadas e criteriosas de Sorbothane. A aparência do E-Flat, que não é muito grande e não ocupa muito espaço, é bastante sóbria e, apesar de ser Belt-Drive, com sua correia escondida debaixo do prato de perfil baixo com circunferência maior, fica parecendo um pouco algum toca-discos Direct-Drive da década de 1980.

Montar o E-Flat resume-se a parafusar os pés, o que é moleza, inserir a correia e o prato - que, como entra rente, é preciso parafusar o clamp, segurá-lo, colocá-lo e descê-lo devagar no lugar. Depois, como o braço fica fora, basta inseri-lo no pivô. As únicas coisas complicadas são o plugue da fiação, que vai acima do braço, que teima em entrar torto ou é mal encaixado, gerando maus contatos e zumbidos, mas que depois que você acerta funciona perfeitamente, e a regulagem do peso. O peso do braço plano e fino do E-Flat fica na vertical, abaixo da linha do braço, deslizando para trás e para frente, e com um parafuso de travamento. Acertar milimetricamente o peso da cápsula nas casas decimais do peso é a mesma chateação de uma infinidade de outros toca-discos - mas, depois de acertado e com o parafuso travado, não varia mais. O contrapeso, embaixo, fica com uma pequena folga, amortecida por - adivinhem vocês - Sorbothane que, ajudado pelo posicionamento do mesmo,

dissipa ressonâncias do braço e é um dos responsáveis pela estabilidade. O conjunto todo é bem construído e estável, dando boa impressão de solidez e com um mecanismo silencioso de velocidade estável e que passa pouco ruído subsônico para as caixas.

Não tive dificuldades para instalar ou regular nenhuma das cápsulas envolvidas no teste, nem mesmo a Ortofon SPU Meister Silver, que trabalha com 4 g. O braço do E-Flat, por ser de massa média é bem compatível, e para ajudar na compatibilidade, no setup de cápsulas de vários pesos diferentes, o mesmo vem com mais de um contrapeso com valores diferentes. Para ser sincero, tive pequenos problemas de ressonância com a SPU Meister Silver em apenas dois dos 30 ou 40 discos ouvidos. A questão é que a SPU tem um cantilever de compliância bem baixa, pedindo encarecidamente o uso em um braço de massa alta. E, apesar do braço do E-Flat ser de massa média e, portanto, bastante compatível, ele vai trabalhar com perfeição mecânica mesmo com cápsulas de compliância média e alta, acima de 11 ou 12. Durante o teste do E-Flat, foram usadas as cápsulas Dynavector 20X, Ortofon Cadenza Red e Ortofon SPU Meister Silver, ligadas nos seguintes equipamentos: prês de phono: integrado darTZeel, Sunrise Lab The PhonoStage II Special Edition e Esoteric E-03; amplificadores: darTZeel CTH-8550 e Sunrise Lab V8 MkII; caixas acústicas: Evolution Acoustics MMMicroOne e



